



Gestão
CNE aponta as
competências fundamentais
de um diretor escolar



Adriana Fóz
Como o cérebro aprende
e a importância de
lidar com as emoções



Economia fraterna
Escolas Waldorf
trocam mensalidade
por contribuição

revistaeducacao.com.br

EDUCAÇÃO

ANO 25 Nº 276



AGORA, REDESENHAR projeto pedagógico

Com a consolidação do modelo híbrido, será necessário incorporar novas habilidades, cultura digital e ensino mais conectado à vida real

O QUE É MELHOR PARA AS CRIANÇAS?

No Brasil das desigualdades cada vez mais gritantes, governo federal se mexe para liberar homeschooling e tirar do Estado a obrigação de cuidar da educação. Confira duas visões sobre essa modalidade

Regulamentar o homeschooling (educação domiciliar) até o primeiro semestre deste ano é uma das metas do governo Bolsonaro. O projeto de lei (3179/12) tramita na Câmara dos Deputados há nove anos. Em 2018, o Supremo Tribunal Federal (STF) definiu que cabe ao Congresso analisar o caso.

Educação convidou dois profissionais para argumentaram suas posições sobre o tema. Rick Dias, presidente da Associação Nacional de Educação Domiciliar (Aned), é favorável à regulamentação. “A modalidade é reconhecida ou regulamentada em mais de 60 países, nos cinco continentes, com regimes de governo diversos”, defende. Já Cláudio Giardino, diretor executivo do grupo OEP, composto pelos colégios Oswald de Andrade, Elvira Brandão e Piaget, é contra. “É também na escola que se aprende a conviver e respeitar as diferenças, características fundamentais de um cidadão coletivo, autônomo e responsável”, alerta.

Confira, a seguir, as opiniões completas de Dias e Giardino.

A favor **Por Rick Dias**

“Você é favorável à educação domiciliar? Por quê? Duas perguntas imbricadas, que ecoam constantemente em nossos ouvidos, e cujas respostas remetem a tantos benefícios que nem sempre o tempo e a memória nos permitem lembrar de tudo.



Rick Dias,
publicitário,
pai-educador

Divulgação

Sim, sou favorável e adepto. Por quê? Ora, porque a educação domiciliar é uma modalidade de ensino libertadora para pais e filhos. Através dela é possível trabalhar com o educando de forma personalizada, respeitando ritmo e estilo de aprendizado de cada um. Porque devolve ao aluno o gosto pelos estudos e o prazer de aprender.

Favorável? Sim, porque a educação domiciliar conduz nossos filhos à autonomia no processo de ensino e aprendizagem. Favorece o empreendedorismo e produz excelentes resultados acadêmicos. Porque produz adultos seguros e com uma autoestima sólida. Envolve os pais e os aproxima mais dos filhos, o que fortalece a estrutura familiar como um todo.

Favorável? Certamente. Educação domiciliar é a prática mais pura da pluralidade de ideias e concepções pedagógicas, como determina a Constituição brasileira, e um direito humano, conforme o artigo 26º da DUDH.

Favorável? Sim, com toda a certeza, porque promove uma rica socialização, porque é a modalidade de educação que mais cresce no país, e jamais poderá ser confundida com abandono intelectual. Porque não desvaloriza a escola sob nenhum aspecto, muito menos a profissão de professor.

Favorável? Sem sombra de dúvida. A educação domiciliar leva ao autodidatismo, elimina o aprendizado passivo e o analfabetismo funcional. Também incentiva a formação de modelos híbridos ou escolas guarda-chuva, como acontece em outros países.

Se sou favorável? Não restam dúvidas. A modalidade é reconhecida ou regulamentada em mais de 60 países, nos cinco continentes, com regimes de governo diversos. Porque gera economia ao estado e amplia o leque de atuação de professores e pedagogos no suporte às famílias educadoras. Porque eleva o nível de liberdade educacional de uma nação.

Sou favorável porque converso todos os dias com famílias de todo o Brasil que aderiram à prática e têm colhido excelentes frutos. Sou favorável porque não sou um teórico da modalidade, porque eduquei meus filhos fora da escola e os vejo hoje adultos, na universidade, no mercado de trabalho, felizes, produtivos e... antes que me perguntem, sociáveis! ”

Rick Dias, presidente da Associação Nacional de Educação Domiciliar (Aned).

Contra

Por Cláudio Giardino

“ A escola tem sido colocada, especialmente nos últimos anos, como alvo de desconfiança. O homeschooling, proposta de educação domiciliar, já era encarada, desde o início do atual governo, como um tema prioritário. Com a pandemia, e a adoção excepcional do ensino remoto, professores e outros especialistas na área da educação já notavam o grande risco que corríamos de pôr em xeque algo que foi fruto de um longo processo de mobilização: a obrigatoriedade da escola. A questão que coloco é: para que servem as escolas e por que devemos resistir às ameaças que ela tem recebido?

A escola é a instituição encarregada, junto à família, da educação de crianças e adolescentes. É ela que materializa a responsabilidade pública do Estado para com as crianças e seu direito de serem educadas, desenvolve habilidades cognitivas e socioemocionais e prepara para o mundo, onde irão praticar o exercício de sua cidadania. A educação dada e recebida nas escolas, públicas



Cláudio Giardino, especializado em psicopedagogia e gestão escolar

Arquivo pessoal

ou privadas, é de natureza distinta da educação recebida em casa, ou seja, trata-se de uma relação de complementaridade. Embora a família tenha a reconhecida importância na formação integral do indivíduo, a escola não é uma instituição que pode ser substituída.

Quem já viveu ou vive o espaço geográfico e cotidiano escolar sabe que a escolarização não pode ser resumida ao ensino de conteúdos. A escola é o primeiro espaço de socialização da criança, é a instituição intermediária entre a família e a vida social. É onde se estabelecem os primeiros vínculos afetivos para além dos familiares. É também na escola que se aprende a conviver e respeitar as diferenças, características fundamentais de um cidadão coletivo, autônomo e responsável. Há quem diga que essa socialização pode acontecer em outros espaços, mas seguramente afirmo: a forma estruturada da instituição, fruto da intencionalidade dos educadores, viabiliza uma experiência única para a construção de relações interpessoais e a consolidação do aprendizado.

Sabemos que o reconhecimento da modalidade homeschooling no Brasil seria uma política para poucos e que contribuiria para a desresponsabilização do Estado com relação ao dever de oferecer uma educação de qualidade.

Especialmente no momento em que estamos enfrentando dificuldades decorrentes da pandemia, é incoerente um projeto de lei como esse ser tratado como prioridade. A solução para os problemas educacionais do país não está na promoção do homeschooling, mas sim na defesa e fortalecimento da escola, do importante papel dos educadores, e na oportunidade que ela propicia ao estudante de viver em comunidade e, assim, aprender com o coletivo competências fundamentais para a vida. E hoje em dia, que falta a escola faz! ”

Cláudio Giardino, diretor executivo do grupo OEP, composto pelos colégios Oswald de Andrade, Elvira Brandão e Piaget.